
NARRATIVAS GEOGRÁFICAS DE UMA VIAGEM À SERRA DO DIVISOR NA AMAZÔNIA ACREANA

GEOGRAPHIC NARRATIVES OF A WAY TO THE DIVISOR
MOUNTAIN RANGE IN THE AMAZON OF ACRE

NARRATIVAS GEOGRÁFICAS DE UN CAMINO A
LA CORDILLERA DIVISOR EN EL AMAZONAS DE ACRE

Suzanna Dourado da Silva¹

Adnilson de Almeida Silva²

Rachel Dourado da Silva³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo compartilhar uma narrativa a partir da vivência e experiência obtida na Serra do Divisor, no Parque Nacional Serra do Divisor (PNSD), caracterizado como Unidade de Conservação (UC) na Amazônia Acreana. Esta se encontra localizada nos municípios de Mâncio Lima, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo e Porto Walter, pertencentes ao estado do Acre, fronteiro com Pucallpa-Peru. O Parque está sob os cuidados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. O método de análise utilizado foi o fenomenológico e os procedimentos metodológicos utilizados se deu por meio do trabalho de campo com a utilização da técnica da observação direta, entrevistas, conversas informais, diário de campo e registros fotográficos do ambiente pesquisado, pois se busca compreender o sujeito e o grupo na sua singularidade a partir de suas emoções e percepções de mundo. As principais questões destacadas foram: as paisagens amazônicas diversificadas, os modos de vida das populações tradicionais, os sentimentos, percepções e emoções e significados do lugar e natureza e a importância do ambiente para reprodução social da vida das populações tradicionais amazônicas. Assim, permitir-se estabelecer uma relação intersubjetiva do sujeito com o meio é uma estratégia desafiadora diante de um mundo que não se conhece, mas que se está prestes a ser revelado.

1 Licenciada em Geografia pela Faculdade Educacional da Lapa - FAEL; Mestra e Doutoranda pelo PPGG/UNIR e com Doutorado-sanduíche em andamento na Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas - GENTEH/UNIR. E-mail: suzannadourado@gmail.com.

2 Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR; Pós-Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG; Coordenador e Pesquisador do Grupo de Pesquisa Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas - GENTEH/UNIR; Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Mestrado e Doutorado em Geografia/PPGG/UNIR. E-mail: adnilson@unir.br.

3 Graduada em Turismo pela Faculdade da Amazônia Ocidental - FAAO; Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Doutoranda em Geografia pela Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Modo de Vida e Culturas Amazônicas - GEPCULTURA. E-mail: racheldourado@gmail.com.

Palavras-chave: Serra do Divisor. Unidade de Conservação. Fenomenologia. Populações Tradicionais. Acre.

ABSTRACT: This article aims to share a narrative based on the experience and understanding obtained in Serra do Divisor, in the Serra do Divisor National Park (Parque Nacional Serra do Divisor - PNSD), characterized as a Conservation Unit (UC) in the Acreana Amazon. It is in the municipalities of Mâncio Lima, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo and Porto Walter, belonging to the State of Acre, bordering Pucallpa-Peru. The Park is under the care of the Chico Mendes Institute for Biodiversity Conservation (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio). The method of analysis used was phenomenological and the methodological procedures used were through fieldwork with the use of the technique of direct observation, interviews, informal conversations, field diary and photographic records of the researched environment, because it seeks to understand the subject and the group in its singularity from their emotions and perceptions of the world. The main issues highlighted were: the diverse Amazonian landscapes, the ways of life of traditional populations, the feelings, perceptions emotions and meanings of the place and nature and the importance of the environment for social reproduction of the life of traditional Amazonian populations. Thus, allowing oneself to establish an intersubjective relationship between the subject and the environment is a challenging strategy in the face of a world that is not known, but is about to be revealed.

Keywords: Serra do Divisor. Conservation Unit. Phenomenology. Traditional Populations. Acre.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo compartir una narrativa basada en la experiencia y la vivencia obtenida en la Serra del Divisor, en el Parque Nacional Serra del Divisor (Parque Nacional Serra do Divisor - PNSD), caracterizado como una Unidad de Conservación (UC) en la Amazonía acreana. Se ubica en los municipios de Mâncio Lima, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo y Porto Walter, pertenecientes al estado de Acre, limítrofes con Pucallpa-Perú. El Parque está a cargo de los cuidados del Instituto Chico Mendes para la Conservación de la Biodiversidad – ICMBio. El método de análisis utilizado fue fenomenológico y los procedimientos metodológicos utilizados fueron a través del trabajo de campo con el uso de la técnica de observación directa, entrevistas, conversaciones informales, diario de campo y registros fotográficos del entorno investigado, porque busca comprender al sujeto y al grupo en su singularidad a partir de sus emociones y percepciones del mundo. Los principales temas destacados fueron: los diversos paisajes amazónicos, las formas de vida de las poblaciones tradicionales, los sentimientos, percepciones, emociones y significados del lugar y la naturaleza y la importancia del medio ambiente para la reproducción social de la vida de las poblaciones amazónicas tradicionales. Por lo tanto, permitirse que uno establezca una relación intersubjetiva entre el sujeto y el entorno es una estrategia desafiante frente a un mundo que no se conoce, pero que está a punto de ser revelado.

Palabras clave: Serra do Divisor. Unidad de Conservación. Fenomenología. Poblaciones tradicionales. Acre.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva compartilhar uma narrativa a partir da vivência e experiência obtida na Serra do Divisor, uma UC na Amazônia Acreana. O trabalho de campo desenvolvido no PNSD, significou uma viagem ao imaginário, à percepção e a emoção, além de que essa correspondeu no estudo do espaço geográfico (ou estudo do meio) e promoveu uma aproximação/compreensão/interação entre ser humano e natureza.

Em conformidade com Eric Dardel (2011), sob uma perspectiva fenomenológica, o espaço geográfico é constituído de horizontes, modelagem, cor, densidade, pode ser classificado como sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito. Assim, narrar uma história vivida e experienciada no espaço amazônico, significa expressar seus sentimentos, percepções, emoções, significados, bem como é necessário entender a formação sociocultural, histórica e territorial de um lugar e do seu povo.

Neste sentido, Milton Santos (2017, p.22-23) traz a luz reflexiva que o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações a ser reconhecidos em suas categorias analíticas *internas*. Isto nos remete que cada processo de conhecimento originário, em sua forma ontológica, segue este reconhecimento interno, pautado em suas próprias técnicas, ações, objetos, normas, eventos, temporalidade, a respeitar a coerência interna deste processo de construção.

Tal compreensão nos leva a considerar o espaço como uma possibilidade de análises de vertentes variadas, com um prisma na interioridade do que se está a observar e deixar-se permitir que os eventos (fenômenos) apareçam conforme a sua essência em si. Negar a possibilidade de analisar por diversas correntes o que Milton Santos versa, é reduzi-lo a um só caminho, o que ele refuta veemente, principalmente quando enfatiza que:

Construir o objeto de uma disciplina e construir sua metadisciplina são operações simultâneas e conjugadas. O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma disciplina, mas, para o conjunto de disciplinas, os materiais constitutivos são os mesmos. (SANTOS, 2007, p.20).

Este autor (2017) ainda abre a possibilidade de compreensão de que cada lugar possui à sua maneira de visualizar mundo (ôntico e ontológico) e que cada apreciação destas está correlacionada entre o mundo e os sujeitos viventes destes mundos, o que nos direcionada que existe em cada ser humano uma ontologia e uma vivência ôntica individual, que só pode ser compreendida e acessada por este mesmo, e sua compreensão se dá por meio da transcendência.

Neste sentido, apresenta-se a fenomenologia, que é a filosofia do subjetivo e sua a intencionalidade do eu pensante prima pelo desvelar do humano (SPÓSITO, 2004). Conhecer a historicidade e geograficidade de um determinado lugar é o indicativo de valorizar saberes,

conhecimentos e processos históricos, pois “o sujeito é ator de sua trajetória e ao mesmo tempo, em sua multiplicidade, é produto/produtor de sua sociedade, e por isso carrega consigo as marcas da sua sociedade histórica, época e cultura” (SALES, 2010, p.1).

Essa interpretação aproxima a vertente abordada por Dardel (2011), em que a geograficidade (ser-e-estar-aí) se abre para um mundo amplamente compartilhado e visualizado através do ser-aí, que se compreende por existir e lidar com o ora posto no mundo ôntico e ontológico. Logo, ao direcionar os olhares a um povo amazônida, se traz à discussão a mirada destes sobre as suas vivências, experiências e percepções, o que só pode ser feito mediante à esta abertura para o outro, em um processo transcendental.

Com a prerrogativa de que somos Amazônidas, filhos e netos dos viventes desta região, as relações afetivas de sensibilidade, a identificação e as compreensões do que é viver aqui, materializam representações espaciais, culturais, territoriais, simbólicas e identitária. O encontro com as comunidades da floresta e das águas mediante o conhecimento obtido a partir de seus modos de vida e dos antepassados transbordam memórias individuais e coletivas.

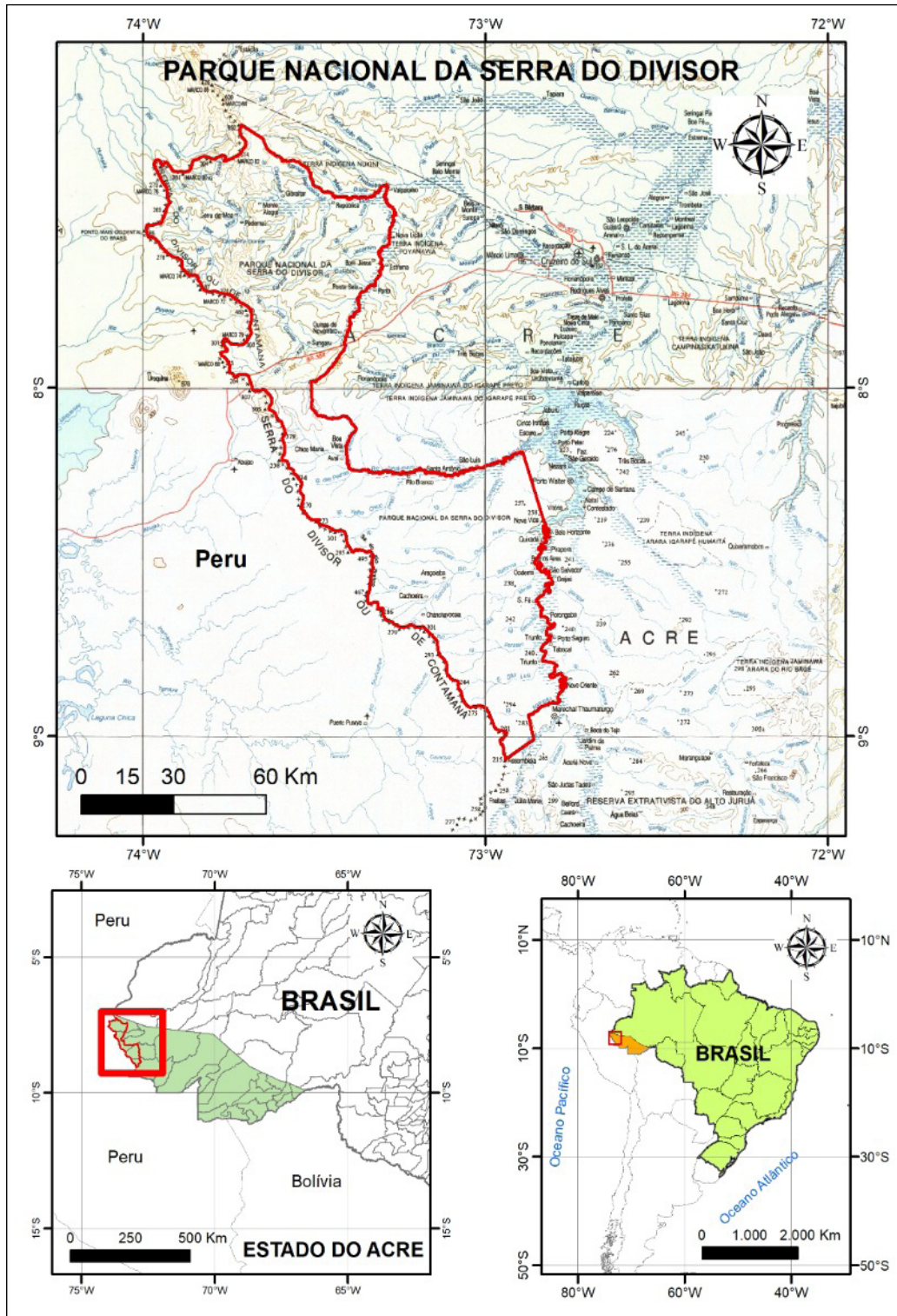
A viagem ao centro do PNSD não foi simplesmente uma iniciativa para a observação e contemplação da socio-biodiversidade, da diversidade cultural e das diversas riquezas preexistentes. Esse estudo do meio permitiu com que se vivenciasse e conhecesse de perto as práticas espaciais, culturais e territoriais da população amazônica, uma vez que se pretende oportunizar voz aos sujeitos que vivem e são da região e que estão à margem da sociedade e desprovidos das políticas públicas.

O PNSD é uma UC que fica localizada nos municípios de Mâncio Lima, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo e Porto Walter, estado do Acre, Amazônia brasileira. O PNSD foi criado pelo Decreto Federal n.º 97.839 de 16 de junho de 1989 e, atualmente está sob os cuidados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio.

De acordo com dados obtidos junto ao ICMBio do Acre, o PNSD fica localizado na fronteira do Brasil com o Peru, no extremo oeste do Acre. Toda a serra se divide em quatro outras, que são: Jaquirana, Moa, Juruá-Mirim e Rio Branco⁴. Sua distância até Rio Branco, capital do estado do Acre é de 700 km, 90 km até Cruzeiro do Sul e 150 km para a Pucallpa, a primeira cidade peruana.

A metodologia utilizada se deu por meio do trabalho de campo. Como instrumentos de coletas de dados no decorrer da viagem no PNSD, fez-se uso da utilização da técnica da observação direta, entrevistas, diálogos informais, diário de campo e registros fotográficos do ambiente pesquisado.

A partir dos dados obtidos elaborou-se o mapa de localização do Parque Nacional da Serra do Divisor (Figura 1), bem como a análise dos materiais coletados em campo e as respectivas vinculações teórico-conceituais, em que o espaço/território e a natureza integram o palco dos acontecimentos que movimentam-se e reconfiguram-se na geografia da/na Amazônia.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração: SILVA, Elenice Duran(2022).

Figura 1. Localização do Parque Nacional Serra do Divisor.

Nesse contexto, permitiu-se estabelecer uma relação intersubjetiva do sujeito com o meio, o que possibilitou conhecer os espaços, os lugares e suas paisagens, bem como os modos e gêneros de vida das populações tradicionais amazônicas. Como estratégia consistiu em desafiar-se diante de um mundo que não se conhece, mas que se está prestes a ser compreendido.

SERRA DO DIVISOR NA AMAZÔNIA ACREANA: A IMERSÃO NO MUNDO DAS PERCEPÇÕES, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Os caminhos geográficos percorridos

Ser pesquisador no âmbito da ciência geográfica é percorrer longos caminhos e lugares, compreender novos espaços e paisagens e permitir-se desafiar diante de um mundo que não se conhece, mas que oportuniza ser “descoberto”. É necessário evidenciar que a busca da construção de conhecimentos geográficos e o desenvolvimento de novas habilidades e capacidade intelectual que contribua significativamente com a formação profissional e pessoal do pesquisador, com vista à superação dos obstáculos epistemológicos. Nesse sentido, os processos e fundamentos epistemológicos nos mostram que:

[...]. O conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. As revelações do real são recorrentes. O real nunca é “o que se poderia achar”, mas é sempre o que se deveria ter pensado. O pensamento empírico torna-se claro *depois*, quando o conjunto de argumentos fica estabelecido. Ao retomar um passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual. No fundo, o ato de conhecer dá-se *contra* um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização (BACHELARD, 1996, p.17).

O conhecimento é um processo contínuo que é alcançado a partir da aproximação com a realidade pesquisada. Assim, faziam os geógrafos pesquisadores viajantes, o que é denominado por Paul Claval (2011) como Geografias Vernaculares, vez que se almejava construir uma narrativa histórica geográfica da descrição, comunicação e compreensão do mundo. De fato, essa relação intersubjetiva do sujeito com o meio, tema-finalidade de conhecer os espaços, os lugares e suas paisagens onde viviam e vivem as pessoas, bem como seus modos e gêneros de vida, pode ser caracterizada, como afirma Bachelard (1996, p.64) que:

[...]. A natureza pode ser admirada em extensão, no céu e na terra. A natureza pode ser admirada em compreensão, em profundidade, no jogo de suas mutações substanciais. Mas, como essa admiração em profundidade é, evidentemente, solitária de uma intimidade meditada! Todos os símbolos da experiência objetiva se traduzem imediatamente em símbolos da cultura subjetiva.

Ao partir desta premissa, mostra-se que a viagem à Serra do Divisor penetrou em uma realidade carregada de símbolos, porque se objetivou prioritariamente conhecer as culturas e as subjetividades do indivíduo, povo e lugar. A realização desse campo sob a ótica fenomenológica se revela como uma estratégia de se permitir fazer uma leitura do mundo originada dos lugares e promover estudos geográficos estabelecidos entre ser humano e ambiente (CLAVAL, 2011).

O PNSD é o principal atrativo turístico da região e contribui para o turismo, principalmente das cidades de Cruzeiro do Sul e Mâncio Lima. Para se chegar a Serra, é necessário ir de Rio Branco para Cruzeiro do Sul, cujo acesso se dá por meio de transporte aéreo pela Gol Linhas Aéreas.

O voo é noturno e o tempo aproximado de duração é de 50 minutos. Outra opção é o terrestre, no qual existem apenas a Transacreana e a ATI Transportes. Estas duas empresas possuem saídas pela manhã e à noite (7h e 19h). A duração da viagem é em torno 14h na época do “verão amazônico”, ou da “estiagem” que compreende os meses de junho a setembro.

Com base nas informações ofertadas pelo ICMBio, existem duas saídas para a Serra do Divisor, sendo uma pela parte norte, por meio do rio Moa e outra pela porção sul, a partir do rio Juruá. Para todos esses acessos é preciso se atentar cuidadosamente devido às especificidades climáticas da região. Por ambas as vias, há o pernoite em terras indígenas, em vista que o pôr-do-sol na região ocorre antes das 18h. Nesse contexto, o trajeto descrito neste artigo é referente à saída pelo rio Moa.

O ICMBio apresenta que para chegar à serra por meio do rio Moa, gasta-se aproximadamente 12h de viagem, enquanto leva-se 15h se realizada pelo rio Juruá, isso no período da seca que compreende o chamado “verão amazônico”. Neste período, as embarcações pequenas são as únicas transitáveis. Em anos em que o déficit hídrico é mais severo o tempo de viagem é ampliado para até 48h via rio Moa e 72h via rio Juruá. Para chegar até a Serra do Divisor é preciso percorrer vias fluviais, o que reforça a realidade de que a Amazônia é um bioma diverso onde não somente é composto de flora, fauna e elementos abióticos, mas modos de vidas variados que interagem diretamente com a natureza e o lugar.

História narradas, sentidas e percebidas

O desafio e a perspectiva de conhecer novos espaços, lugares e diferentes paisagens, significa se permitir a adentrar a um mundo do imaginário e do desconhecido e desvendar histórias concretas e a essência das geograficidades que determinam o mundo real e simbólico que compõe o mosaico preexistente na relação estabelecida entre ser humano *versus* natureza e sociedade *versus* espaço, conforme expõe Dardel (2011, p.1-2):

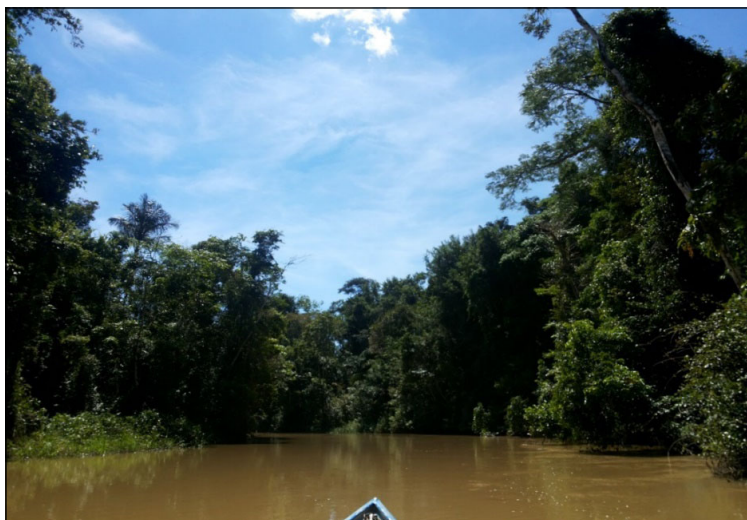
Uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o acessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (geographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino.

A geografia nos permite ter um olhar de esclarecimento, leitura e domínio espacial dos fenômenos e compreensão da condição humana (DARDEL, 2011), que são essenciais na identificação dos símbolos, cosmogonias, cosmologias, linguagens e demais práticas espaciais e culturais desenvolvidas pelos sujeitos. Não é sem razão que os saberes-fazer geográficos são transmitidos pelas práticas culturais, de modo que objetiva conhecer as diferentes culturas e o conhecimento dos lugares que são transmitidos de boca em boca (CLAVAL, 2011). Conhecer espaços vividos e experienciados por meio de viagens é mais que observar e viver estático no mundo da aparência, é necessário ir na essência, para que assim, compreenda-se os fenômenos geográficos em sua plenitude.

Imersos desse mundo do visível-invisível, real/concreto-imaginário, a viagem foi iniciada pelo igarapé Japiin, na cidade de Mâncio Lima, por meio de um pequeno porto ali presente. Esse corpo d'água é tortuoso, de águas barrentas e cheio de balseiros⁵, visto que na Amazônia os rios e os igarapés constituem-se as principais vias de acesso aos lugares, com isso oportuniza aos geógrafos descrever o mundo, os discursos e realizar os registros (CLAVAL, 2011).

As conexões com o espaço das águas indicam a existência e reprodução de múltiplas configurações de vidas, conforme assevera Dardel (2011), que o espaço aquático é o espaço líquido onde se demonstra a alegria, o riso, a vida e a descrição, ou seja, o modo de viver dos/nos lugares. As relações estabelecidas entre o ser humano e a terra/natureza é manifestação de uma experiência singular e particular dos sujeitos do lugar com o mundo e do mundo dos sujeitos nos lugares, seja no seu aspecto material ou imaterial.

É possível observar a mata verde e brilhante a emanar vida em abundância, o que indica a recriação social, cultural, política, ambiental e econômica de populações amazônicas e confirmam que as águas são fontes de energia e geradoras/produzoras de alimentos. Ao longo do igarapé Japiin (Figura 2), há pessoas que pescam para o próprio consumo e outras para a comercialização em escala local e regional. A pesca é apreciada e o igarapé transmite paz e vida para as populações que fazem uso desses espaços.



Fonte: DOURADO DA SILVA, SUZANNA. Banco de dados (julho, 2016).

Figura 2. Igarapé Japiin - Acre.

Um pequeno beija-flor se alimenta nas flores em meio à floresta e à mata ao seu redor, a qual se apresenta como uma floresta densa, quase intocável. É percebido que não existe desmatamento nas margens do igarapé, com isso a floresta permanece viva como garantia da reprodução humana e da natureza. Ali pode se constatar a natureza viva, sem ter sofrido interferências das ações humanas, na qual a floresta se qualifica substancialmente no processo de comunicação com o espaço na sua profundidade e silêncio (DARDEL, 2011).

Manter a preservação da natureza e conservação dos recursos naturais distante de projetos hegemônicos coloniais corresponde valorizar o imaginário simbólico e os modos de viver das populações amazônicas. A ânsia humana capitalista, cuja finalidade é promover a apropriação e dominação do espaço produz formas destruidoras e irracionais de relacionar natureza, espaço e culturas.

Ao subir o igarapé ao encontro do rio Moa, toponímia que a população tradicional do lugar batizou a Serra do Divisor, pois esta regionalmente é conhecida como Serra do Moa, observou-se que, para Claval (2011), ao conceber e manter fortalecidas os saberes e conhecimentos tradicionais em dada localidade significa reunir os saberes-fazer de um povo nas paisagens e nos lugares e reconhecer suas especificidades arraigadas nas suas vivências e experiências.

O igarapé Japiin é um labirinto estreito e nas curvas niveladas que o caracteriza, demonstrou leitos mais estreitos. A temperatura é agradável, o barco que segue viagem tinha cobertura, pois o sol escaldante castiga aqueles que seguem sem proteção. O encontro do igarapé com o rio Moa é sutil, mas a configuração da paisagem se modifica. O Japiin é estreito, com a margem preenchida de mata densa, contudo, o Moa é largo com praias brancas que se formam em suas margens.

A mata mais adiante apresenta a mesma exuberância com uma grande diversidade de espécies vegetais. “A Serra do Moa passa por algumas plantas: açáí, buruti, a canarana, o marajá, a copaíba, a orana. Essas plantas naturais que no decorrer da viagem passamos por ela” (RODRIGUEZ, 2016)⁶. Todo espaço natural constitui-se em morada de pássaros endêmicos e diversos animais, de modo que demonstra um ambiente ecologicamente equilibrado e uso racional pelas populações locais.

O barulho do motor do barco os avisa que estranhos estão a percorrer os seus rios. Todas essas interações sistêmicas estabelecidas com os elementos da natureza se configuram como relações de trocas, direções e distâncias (DARDEL, 2011) que garantem no plano geográfico contornos plurais de experiências por meio de leituras espaciais. Como o mês da viagem ocorreu em julho, neste período o rio dá a vazante, conhecido também baixa do rio.

O barqueiro e professor de Geografia, Gilson Marcos Rodriguez (2016), diz que esse ano a vazante foi grande, e por isso surgiram grande quantidade de bancos de areia no rio. Estes, por sua vez são perigosos quando o barqueiro não conhece a região. Além deles, com o rio seco é possível visualizar os balseiros, que por anos ficam submersos.

Os balseiros (Figura 3) somados com os bancos de areia são os principais responsáveis pelos acidentes no rio Moa. O trajeto é feito devagar e com um pouco de dificuldade, pois

a atividade turística realizada pelos barqueiros requer cuidados e atenção ao longo de todo trajeto percorrido, é o que aponta o entrevistado seguinte:

Sobre o nosso trabalho como barqueiro, trabalhamos daqui até a Serra do Moa fazendo o turismo e levando e trazendo o turista da Serra do Moa até Mâncio Lima, pegando carro até Cruzeiro do Sul, de lá de ônibus ou avião vão para outros lugares do Brasil. Em média realizamos três viagens por mês, mas também tem épocas que não realizamos nenhuma viagem, as vezes ficamos dois meses sem fazer nenhuma viagem. Nessa época fazemos de duas a três viagens por mês. Fazemos passeios nos municípios de Porto Valter, até o rio Juruá, Thaumaturgo, passando por outras comunidades vizinhas que ficam próximas, como Rodrigues Alves, outro município do rio Moa. Rios que passamos: primeiro Igarapé Bom Jardim, passando por São Pedro, outro afluente do rio Moa, rio Juruá, outro afluente do rio Moa, Timbaúba, outro afluente do rio Moa, rio Azul, Meia Dúzia (área indígena, outro igarapé que despeja no rio Moa, do Meia Dúzia para o Jordão que faz parte da área indígena dos Nauas, do Jordão até Recreio, igarapé dos indígenas Nauas, igarapé dos Paraná dos Batistas que ficam na área do igarapé dos Gesumira, que fazem divisa com o parque indígena Pecuím. De lá vamos para o Pé da Serra, Capanaua e Igarapés do Anil. Saindo dos igarapés chega na Pousada que é a entrada da Serra, que é a visita às cachoeiras (RODRIGUEZ, 2016).

São aproximadamente 10h de viagem para atravessar o igarapé Japiin e o rio Moa até chegar ao pé da serra (pousada do Senhor Miro), que fica às margens da Serra do Divisor. A saída do porto da cidade de Mâncio Lima foi às 11h, sendo que não tinha como chegar até a serra no mesmo dia, em virtude de o pôr-do-sol ocorrer por volta das 17h45min e a escuridão torna o trajeto perigoso devido ao nível baixo das águas.



Fonte: DOURADO DA SILVA, SUZANNA. Banco de dados (julho, 2016).

Figura 3. Rio Moa (Acre) com balseiros.

Ao longo da viagem, percebe as trilhas no meio da mata, provavelmente de uso dos habitantes locais e tenta-se imergir no universo ao qual vivem e experienciam. Viver nessa região, com águas límpidas, ar fresco e puro, com um céu azul da cor de anil e nuvens brancas que transmitem paz a acolhimento, o verde flamejante e o marrom claro de suas águas. É um cenário de tranquilidade, paz, harmonia do homem com a natureza. Acredita-se que aqui, longe da confusão dos centros urbanos, nos encontramos com o eu interior. É possível visualizarmos o nosso encontro com a natureza. Seguir o fluxo das águas e sentir o vento a tocar em nossa pele, demonstra sua presença em nós, como algo de imenso deleite. Conforme Milton Santos (2017, p.62):

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai se fazendo, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc., verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada.

Encontrar-se no meio da floresta amazônica-acreana, com as poucas interferências humanas, traz um resgate de quem somos e à que natureza pertencemos, já que não existe homem desassociado da natureza. Com a intensa inserção de alterações humanas no espaço, fica cada vez mais difícil essa retomada de pertencimento de quem somos e ao que estamos destinados, vez que o espaço “é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por um sistema de ações igualmente imbuídos de artificialidade” (SANTOS, 2017, p. 63).

Ver e sentir a natureza tão imponente nos mostra a pequenez humana. A natureza existe e resiste frente às nossas ações. Demonstra uma sabedoria e estratégia que falta aos seres humanos. O motor, em alguns momentos, torna-se mais alarmante e consegue abafar os sons emitidos pelas águas, ventos e matas. Não obstante, quando suas hélices são submersas na água e fica mais baixo, conseguimos ouvir um som diferente, como se fosse um ronronar suave das águas a bater na terra.

Por outro lado, durante o trajeto surgiram uns percalços e o coração dispara batimentos acelerados, pois os balseiros no rio impedem a passagem e o medo do barco virar, torna-se um momento alarmante e de euforia. O barqueiro segue tranquilo, vez que conhece os percursos e conhece as dinâmicas do bioma amazônico.

O barqueiro é experiente, e isso é extremamente importante porque sua percepção acerca da viagem é fruto de um conhecimento tradicional, recheado de significados materiais e imateriais. Apesar da gentileza, cuidado e atenção prestada em que o senhor Gilson realiza ao fazer a travessia, o medo alarmante se fez presente em quem desconhece a realidade por vir, o mundo está revelando-se e com isso surge a apreensão. Como é uma vivência e experiência nova a aproximação com o desconhecido é surreal, gratificante e magnífico, sendo um dos momentos mais incríveis de nossa existência humana.

A experiência da natureza viva, nos traz a reflexão sobre a preocupação consciente do uso racional e ecológica da natureza pelas comunidades e como estas contribuem

substancialmente com renda familiar. A agricultura de base familiar e principalmente as atividades do turismo comunitário dos povos da floresta garantem a preservação, conservação da natureza e ambiente, bem como a reprodução social das populações que dependem da floresta para existir. As narrativas dos entrevistados abordam que:

Somos de três a quatro barqueiros, todos moram em Mâncio Lima. Os outros barqueiros são de comunidades que vem aqui, vendem seus produtos, fazem feira e voltam. Alguns barqueiros vão com os turistas para a Serra, outros até a entrada do rio Moa, com turistas que dão um passeio para ver as belezas naturais. Não tem associação, não tem cooperativa, cada um faz por si, individualmente. As pessoas na comunidade vivem da agricultura. Turismo é um extra, é uma oportunidade (RODRIGUEZ, 2016).

Em relação ao ICMBIO são poucos, só dois servidores públicos que deveria ter mais reuniões e pessoas para trabalhar mais com o turismo, explicar mais incentivo. Miro e sobrinho trabalham com eles, prestam serviços pontuais para melhorar na comunidade. Deve ter mais incentivo para o turismo, e a alternativa que tem que pegar autorização com o ICMBIO. A comunidade não estava acreditando, agora estão mais confiantes. A maioria já apoia o turismo. Fora do turismo não tem outra saída (MAGALHÃES, 2016).

É uma resistência para viver nas unidades florestais e manter os recursos naturais conservados e preservados. Mas é necessário que o Estado também exerça seu papel, como contribuir efetivamente em fiscalizações ambientais, para que assim, possam fomentar o turismo de base comunitária e permitir a reprodução social do modo de viver e saberes-fazer dos povos da floresta.

UMA VIAGEM AO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO DIVISOR: EXPERIÊNCIAS COM A NATUREZA E MODOS DE VIVER DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS AMAZÔNIDAS

Natureza das paisagens amazônicas: viver, sentir e interagir

Ser geógrafo e adentrar aos lugares mais longínquos é uma retomada da geografia descritiva, em que o sujeito se lança em um mundo desconhecido que pouco-a-pouco se revela, ôntico e ontologicamente. Milton Santos, 2017, assim descreve os geógrafos e seus objetos:

Para os geógrafos, os **objetos são tudo** o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetificou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade. (SANTOS, 2017, p.72). **Grifos nossos.**

O ora percebido pelo ser humano se pauta de uma exterioridade e avança um sentido na interioridade. Surge neste movimento de apreensão e percepção de processos exteriores, questionamentos interiores que formulam e reconfiguram as dinâmicas dos sujeitos. Ao se deparar com uma paisagem, sujeitos diversos terão percepções diferentes do ora expressado, pois cada um vivencia com uma característica muito particular e o outro pode experienciar estas vivências apenas de maneira co-originária.

As paisagens amazônicas são um prisma de encantamentos, emoções, signos e desejos, bem como um mosaico de tonalidades de cores, formas e estruturas. Essa natureza das paisagens é desvelada por meio de viagens geográficas, em que a aproximação do pesquisador com o ambiente, resulta na compreensão das dinâmicas da natureza e da racionalidade ambiental. As árvores caem no rio e formam uma barricada. Fica muito difícil fazer a travessia. Como o rio é pouco movimentado, as barricadas se tornam permanente, e com o rio mais raso elas se emergem.

Encontrar-se com outros viajantes ao longo do caminho que também buscam conhecer os lugares, mas não sob a ótica da geografia, como foi o objetivo dessa viagem ao Parque Nacional da Serra do Divisor, é alentador. Alguns desses viajantes são mais tímidos, outros mais alarmantes, mas sempre com aquela pergunta de quem são, o que fazem, como são suas vidas. A curiosidade surge de ambos os lados.

Os moradores (Figura 4) se questionam sobre quem somos e o que fazemos ali. Todavia, os visitantes promovem reflexões acerca de seus modos de vida, suas aspirações, os sonhos, as dificuldades, as certezas e as alegrias, bem como os encantamentos de terem uma experiência única no contato com a natureza, proporcionada pela viagem.



Fonte: DOURADO DA SILVA, SUZANNA. Banco de dados (julho, 2016).

Figura 4. Viventes da Serra do Divisor - Acre.

Podemos neste ambiente sentir no ar um cheiro diferente. O ar é mais puro e às vezes exala alguns perfumes. É muito agradável de sentir. Borboletas e pássaros são os nossos companheiros dessa viagem. Elas pousam em nosso material e ali permanecem, o que demonstra que existe a possibilidade de vivermos juntos, em um momento de confiança e liberdade. Os pássaros dão voos rasantes nas águas e pegam seus alimentos. Há uma sincronia nos voos. Assim que um finaliza sua ação, o outro inicia e assim se revezam continuamente.

A paisagem é composta por rios caudalosos, florestas densas, animais silvestres jamais imaginados. Essa composição nos envolve e desperta nossas emoções. Assinala Andreotti (2013, p.34) que:

[...] a paisagem é cultura, é estética, é história, é vicissitude, é cor [...] a paisagem não vem descrita apenas sobre a base da mera observação geográfica, mas integralmente, na vivacidade de todos aqueles componentes que um processo psicológico correto permite identificar.

A distinção entre paisagem e espaço é oportunizada por Santos (2017, p.103) ao afirmar que “paisagem e espaço não são sinônimo. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”. Deste modo, assina ainda que “a paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transformam permanentemente (SANTOS, 2017, p. 102-103).

Ainda na perspectiva de paisagem, oportunizada por Santos (1998, p.61) tem-se que “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem (...). Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” Inseparavelmente, as paisagens e o espaço expressam suas geograficidades e historicidades. É perceptível identificar paisagens variadas que são agraciadas.

O rio é a estrada dessa população. É o entrar e o sair. Barcos carregados de farinhas ou bananas cruzam nosso caminho. O rio Moa traz pessoas felizes, sorrisos largos que sempre nos servem de boas-vindas. Ao longe foi possível avistar um boto cor-de-rosa *Inia geoffrensis*. Este fazia graça em meio ao rio. Mulheres conduzem sozinhas suas embarcações carregadas de bananas e outros alimentos. É possível perceber a força e a habilidade que estas possuem, e com uma graciosidade manejam as embarcações.

Se fez presente uma extensa área descampada. Esta se torna símbolo da ignorância do ser humano. Sem deixar nem um metro de mata, desflorestaram até o rio. O Senhor Gilson informou que um fazendeiro de Mâncio Lima que “comprou” as terras para criação de gado. Sob influência de uma política de expansão pecuarista que foi iniciada na década de 1970, ainda se faz presente na atualidade e avançam a cada dia sobre as áreas protegidas, de maneira a colocá-las em risco e ameaçar o equilíbrio ecológico e a manutenção da floresta em pé.

Esta ação de expansão da pecuária em terras acreanas é manifestação de um processo contraditório, pois na Amazônia se instaura primeiro a pecuária para depois introduzir a soja, na qual resulta na tecnificação e ressignificação da paisagem.

Essa ação de uso capitalista do espaço por meio de práticas agropecuárias põe em risco a existência dos povos das florestas amazônicas em seus territórios tradicionalmente ocupados. Por isso, deve-se criar mecanismos de re-existências coletivas para garantir a permanência e o direito de viver e existir, uma vez que o Estado está ao lado de projetos hegemônicos; no momento um entrevistado destaca os perigos, riscos e pressões que sofrem em virtude do aumento dos desflorestamentos e a manifestações de crimes ambientais e sociais.

O Governo do Acre assinou o desmatamento zero até 2020 e não está nem aí, nós estamos ameaçados de extinção. A única razão que nos motiva viver na zona rural é que quem tem coragem de trabalhar não passa fome e nem quem chega na sua casa passa fome. E se estão tirando o direito de produzir a comida nós vamos perder a razão de viver lá, porque vamos ficar lá fazendo o que!! Se desobedecer a lei nós somos multados e processados por crime ambiental, além da multa ainda tem o crime. Isso só se aplica ao pequeno. Tem multas exorbitantes, então muitas coisas que ajudou a fragmentar isso. A nossa razão de existir e de continuar persistindo é fazer um trabalho de formiguinha, mostrando para cada um que nos procura o cenário que nós estamos vivendo, o risco que estamos correndo enquanto categoria e se a gente não procurar se unir, porque todos os direitos que conseguimos ao longo desses anos com essas organizações civis estão sendo desconstituídos (CUNHA, 2016).

A floresta clama por justiça social e ambiental diante de ações criminosas que desmatam e ameaçam o meio ambiente ecologicamente equilibrado na Amazônia acreana. Aumentar a efetivação das fiscalizações e punição aos criminosos destruidores da natureza possibilitam a garantia de direitos humanos dos povos que precisam da floresta para viver, existir e persistir. A organização e mobilização em movimentos são necessárias para o fortalecimento de lutas por direito à floresta e a vida. Assim:

O ICMBIO entra reprimindo e multando. A principal crítica é o ICMBIO, depois que chegou as outras entidades perderam a força e o ICMBIO não fazem o papel que deveriam fazer. Além disso, pessoas que assumiram os cargos, que passaram nos concursos são pessoas que nunca tiveram um contato com a população rural, então não sabe falar, não sabe comunicar, e vem de outros estados que não conhecem a realidade e eles se aтем apenas na linha de reprimir e entra com a Polícia Federal e metralhadoras na mata. Não sabe dialogar, não sabe falar a língua da comunidade (CUNHA, 2016).

É dever do Estado monitorar essas ações de desflorestamentos e ilegalidades. As legislações ambientais precisam ser cumpridas. Além do mais é necessário dialogar e dar voz às comunidades tradicionais amazônicas, pois são essas populações que vivem e conhecem seus lugares e cotidianos. Isso porque a concepção de Amazônia deverá partir dos próprios indivíduos que vivem nessa região e não de ações externas e colonialistas que negam e invisibilizam saberes e conhecimentos.

Destarte, aos geógrafos, fica o ensinamento de Milton Santos (2017, p.97), que “uma geografia apenas interessada num determinado tipo de objetos [...] ou numa determinada idade dos objetos [...] não seria capaz de dar conta da realidade, que é total e jamais é homogênea”. E assim, o autor ainda reforça Waysand (1974, p.21, *apud* SANTOS, 2017, p. 97-98), que “por mais novo que seja, nenhum objeto traz consigo, designado com antecedência o lugar que ele ocupa ou ocupará no sistema econômico”. Assim, o papel do geógrafo é reverberar vozes e desvelar lugares.

A viagem à Serra do Divisor despertou muitas reflexões acerca de pensar a concepção de Amazônia do ponto de vista social, ambiental e cultural. Surgem as preocupações com as populações tradicionais para com a preservação e conservação da fauna, flora e meio abiótico, assim como adoção de medidas protetivas eficazes para o ambiente em esfera federal, estadual e municipal. Assim, é necessário um acompanhamento junto aos vereadores, deputados e senadores para que a região não seja completamente dilacerada por colonizadores que visam somente a obtenção de lucros e colocam em risco a existência de vidas e provocam desequilíbrios ecológicos.

Os banheiros feitos por outras embarcações nos fornecem reflexões e voltam para a percepção do que nos rodeia neste momento. É possível ver uma cobra d’água assustada pelo barulho do motor. Ela passa por nós em uma velocidade impressionante. O medo inicial da água já não existe. Há uma aproximação da natureza e de suas belezas.

Passamos por uma família de boto cor-de-rosa. Seus movimentos na água são de uma delicadeza. É algo tão belo que não há como descrever em palavras. É um presente que eles nos ofertam por ver nossa passagem. Seus gestos nos brindam e nos trazem emoções até então desconhecidas. Cada momento que passa, ficamos mais envolvidos com a natureza, de fato passamos a nos sentir uma parte integrante, assim como explica Dardel (2011, p.48):

[...] a ligação do homem com a Terra recebeu, na atmosfera espaço-temporal do mundo mágico-mítico, um sentido essencialmente qualitativo. A geografia é mais do que uma base ou um elemento. Ela é um poder. Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos.

Para esse autor, a relação do ser humano com a natureza não pode ser vista de maneira apartada, ou seja, não há como pensar em um, sem imaginar o outro. O ser humano depende da natureza para viver e a natureza ganha vida e significado a partir do

ser humano. Conseguir estabelecer e valorizar essa conexão é importante para que ocorra uma compreensão e valorização do espírito humano, no que tange geograficamente na relação de viver, sentir e interagir.

Saber-fazer na Amazônia acreana: modos de vida tradicionais e narrativas geográficas

O saber-fazer das populações tradicionais da Amazônia brasileira é marcado por um misto de culturas e manifestações simbólicas. Historicamente, os povos originários (indígenas de diversas etnias) devido ao contato com colonizadores sofreram um processo de violência, subordinação e escravização da mão de obra, que resultou na eclosão da ressignificação de suas culturas.

Para além disso, a apropriação e a espoliação dos recursos naturais modificaram o espaço geográfico, de modo que a natureza e o território passaram a ser de domínio colonial. Esse processo forçado e violento afetou as simbologias, cosmogonias e demais práticas identitárias desses povos e das populações tradicionais amazônicas, no que tange aos aspectos espirituais, rituais, místicos e organização social e política.

Nesse sentido, as populações tradicionais concebidas como grupos sociais com culturas distintas, cujos modos de vidas estão conectados à natureza, são alvos das pressões capitalistas de apropriação do espaço e da natureza. Pois, neste sistema vigente, é a destinação de recursos financeiros; a criação de políticas públicas que visem a sustentabilidade econômica e cultural da população tradicional; a capacitação de técnicos locais; o pleno envolvimento social-econômico-cultural-político das populações tradicionais locais, não são realizadas, o que acarreta a não-inclusão da comunidade local nas tomadas de decisões e arranjos socioambientais.

É percebido que a população tradicional está conectada com a terra e a floresta, traz uma compreensão de vida para além dos aprendidos no universo acadêmico. É o saber-fazer que transmite conhecimentos tradicionais que perpassa de geração a geração e valoriza modos de vidas cotidianos e sua identidade sociocultural.

Podemos destacar na Amazônia acreana o líder sindical Francisco Mendes, mais conhecido por Chico Mendes. Este era um vivente da floresta e por conhecê-la e compreendê-la lutou em defesa da preservação da natureza e dos povos que viviam da/na floresta frente às pressões do capital que a cada dia se apropria de mais terras. Não foi só ele quem lutou nessa defesa da floresta em pé, várias populações que vivem e vivenciam a floresta se organizam e adotam ações de lutas sociais para preservar a natureza e seus modos de vida contra um sistema capitalista que destrói o Planeta, violenta e extermina vidas.

Ao longo do trecho percorrido durante a viagem percebeu-se uma mudança drástica da paisagem em virtude da expansão de atividades econômicas. Foi possível visualizar o grande número de fazendas no entorno do rio Moa. É triste ver a mata ser substituída por campos de pastagem em uma área onde predominavam paisagens naturais.

Contudo, outras paisagens caracterizam os saberes-fazer e todo o modo de vida dos povos amazônicos. Existem casas com formatos peculiares com pouco movimento,

mas se sabe que por trás desse espaço vivido e experienciado há uma realidade rica em diversidade social, cultural e ambiental. Ao percorrer outros lugares durante a viagem conseguimos ver uma placa com informação sobre a presença do Assentamento São Salvador, um território de vidas e de existências camponesas, ali se avistava uma pequena igreja, casas com suas janelas abertas e roupas coloridas estendidas no varal e recheada de paisagens naturais, de modo que expressavam símbolos de vida em comunidade.

Avistamos uma casa alta, com janelas brancas e pintura verde. Um homem na janela que nos olhava tranquilamente. Duas mulheres na parte detrás da casa, onde tem um fogão de barro e possivelmente preparavam algo para comer, pois a fumaça invadia o céu azul. Neste momento, encontrava-se na Área 61 do Exército Brasileiro. Era preciso parar e se identificar, pois ali era a porta de entrada para o PNSD, uma área protegida. Ao escurecer e com aproximadamente 06h de viagem, paramos na Terra Indígena Nukini (TIN) para tomar banho, jantar e dormir.

Na TIN fomos recebidos pelo dono da casa e por sua filha mais nova, a Mankuí. Seu nome quer dizer maracujá e sua fruta preferida é a poncã ou tangerina. Ela nos prestou todo o suporte necessário, tais como indicações para o uso do banheiro, banho no rio, alimentação e a dormida. Não há como descrever a receptividade desta pequena jovem, cujo maior sonho era fazer uso de um computador. Uma criança de 14 anos, alegre e muito curiosa. Apresentou o nome de várias coisas em sua língua materna, fonte de grande sabedoria, imprescindível acerca de seu lugar de vida amazônico.

O anoitecer chega bem cedo e foi possível ver um grande número de *steveru* (estrelas) no céu. Mankuí nos conta que vivem nesse lugar aproximadamente seis famílias e que sua avó lhe chamou para morar em Mâncio Lima, mas que agora não pretende ir. As crianças estudam em uma escola perto de suas casas. Ela gosta de viver na TIN, sente-se feliz e animada com a floresta e o rio.

Observa que vários pesquisadores passam por suas terras, mas geralmente eles não falam com ela. Essa crítica é necessária porque se percebe a falta de consideração por parte dos visitantes que fazem usufruto do lugar, tiram fotos e nem agradecem ao povo que lhe acolheu. Ao amanhecer, depois de experienciar as histórias narradas na TIN e interagir com o ambiente, a hospitalidade foi agradecida e a viagem foi prosseguida. Ao chegar ao pé da serra (Figura 5), o encantamento se irradiou pelos espaços caudalosos e grandioso em meio à floresta amazônica, pois o horizonte estava permeado de paisagens.

A serra tem 510 metros e é a mais alta da Amazônia acreana. Na chegada, desembarcamos as nossas bagagens, conversamos com o senhor Miro, responsável pela única pousada na serra. Seguimos até o topo para contemplar a vista da natureza brasileira e do outro lado à vista da natureza peruana (Figuras 6 e 7). Levamos quase 01h para subir a serra, pois isso exige da pessoa um bom preparo físico, roupas e calçados adequados.

A possibilidade de avistar o lado brasileiro e peruano, e constatar que a região conserva sua fauna e flora preservada, nos traz uma grande comoção, vez que na atual conjectura não existem locais ainda tão preservados como no PNSD, sendo este um ganho para a humanidade, principalmente para os viventes da Amazônia acreana, dentre eles os povos originários como os Nukini e Nawá, que vivem no entorno deste Parque Nacional.



Fonte: DOURADO DA SILVA, SUZANNA. Banco de dados (julho, 2016).

Figura 5. Serra do Divisor – Acre .



Fonte: DOURADO DA SILVA, SUZANNA. Banco de dados (julho, 2016).

Figura 6. Vista do alto da Serra do Divisor – lado brasileiro.



Fonte: DOURADO DA SILVA, SUZANNA. Banco de dados (julho, 2016).

Figura 7. Vista do alto da Serra do Divisor – lado peruano.

Entretanto, muitas novas conquistas precisam ser garantidas a fim de que a preservação/conservação e a vivência da população local permaneçam com qualidade, além de possibilitar que os saberes-fazeres continuem exercidos na comunidade, com vista à perpetuação das memórias, valores, tradições, mitos e ritos. O alto da Serra do Divisor é um cenário para estas tradições, sendo realizado pelos povos indígenas as pajelanças de seus povos⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Navegar pelas águas calmas ou revoltas da Amazônia, atingir seus limites mais longínquos nos conduz ao tempo em que expedições científicas eram realizadas por Humboldt, Spix e tantos outros naturalistas que a vivenciaram em sua intensidade. É encontrar-se com as belezas cênicas, cantos, sabores, saberes, cores, flora, fauna, povos originários e populações tradicionais.

É encontrar-se com a vida em todo seu esplendor. É encontrar mundo dentre de mundos, o pulsar da alma e a biodiversidade em êxtase abre-se para infindas reflexões. É desnudar-se na intensidade, sentir na pele o calor do dia e o frescor das madrugadas e manhãs quando a floresta em sinfonia se desperta com o cantarolar dos pássaros.

Concomitantemente a tudo isso, encontra-se os desafios de compreender a Amazônia com sua multiplicidade de eventos sociais, econômicos, políticos e ambientais

que tem sobreposto à região com violência e grandes impactos, os quais reconfiguram as territorialidades e trazem novos sentidos e significados.

A viagem feita até o Parque Nacional da Serra do Divisor, a qual apresentamos algumas impressões a partir das narrativas geográficas, longe de ser conclusiva, merece a continuidade de outros estudos mais aprofundados, de modo que possam desvelar a compreensão — no sentido heideggeriano aquilo que ocultamos de nós mesmos e trazer à tona a realidade oculta presente nos fenômenos que ocorrem na Amazônia. Assim, nossa contribuição pode ser o caminho para o entendimento das vivências e dos modos de vida no estabelecimento das relações humanas com a natureza e suas dinâmicas.

NOTAS

4 Integra em seu conjunto a Serra da Contamana, uma cordilheira rochosa que se localiza no estado do Acre, fronteira com Ucayali (Peru), sendo considerado o ponto mais ocidental do Brasil.

5 Pedacos de pau e árvores que impedem a passagem de embarcações.

6 Acaí *Euterpe precatoria* e *Euterpe oleracea*, buruti ou buriti *Mauritia flexuosa*, a canarana *Hymenachne amplexicaulis*, o marajá *Bactris maraja* Mart., a copaíba *Copaifera spp.*, a orana (espécie regional ainda sem classificação, de cuja folha é feito chá para combater diabetes).

7 Reunião de pajés de várias etnias a fim de comemoração ou buscas espirituais.

REFERÊNCIAS

- ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens Culturais**. 1.ed. Curitiba: EdUFPR, 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. ABREU, Estela dos S. (Trad.). – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 216p.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2.ed. Florianópolis: EdUFSC, 2001.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da geografia**. Trad. Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: EdUFSC, 2011.
- CUNHA, Dercy Teles de Carvalho. **Entrevista**. [jul. 2016]. Entrevistadora: Suzanna Dourado da Silva, julho de 2016.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- MAGALHÃES, Argemiro Oliveira. **Entrevista**. [jul. 2016]. Entrevistadora: Suzanna Dourado da Silva, julho de 2016.
- NUKINI, Mankuí. **Entrevista**. [jul. 2016]. Entrevistadora: Suzanna Dourado da Silva, julho de 2016.

- OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de; OLIVEIRA, Orlando J.R. de. **Na trilha do caboclo:** cultura, saúde e natureza. Vitória da Conquista: EdUESB, 2007.
- RODRIGUEZ, Gilson Marcos. **Entrevista.** [jul. 2016]. Entrevistadora: Suzanna Dourado da Silva, julho de 2016.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4.ed. 9. reimp. – São Paulo: EdUSP, 2017. (Coleção Milton Santos;1).
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1998.
- SALES, Rodrigo Viana. Estratégias narrativas para uma escrita acadêmica apropriada e educativa. *In:* **Encontro Dialógico Transdisciplinar (ENDITRANS).** Tecendo Conhecimentos em Complexidade: Desafios e Estratégias, 2010, Vitória da Conquista, 2010.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia:** Contribuição para o Ensino do Pensamento Geográfico. São Paulo: EdUNESP, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. – Londrina: EdUEL, 2012.